

tórias reais. “Eu entendi desde o início que esses temas precisavam ser tratados sem julgamento e sem romantização”, explica. “Busquei ouvir relatos de mulheres que viveram experiências parecidas, conversei com profissionais da saúde e da educação. Quis entender não só os fatos, mas os sentimentos envolvidos: o medo, a solidão, a pressão social.”

O mergulho da jovem atriz se reflete na tela. Joélly sente no corpo o peso das decisões que precisa tomar cedo demais, e o público reconhece ali algo familiar. “Ela não vive essas questões de forma isolada; elas atravessam a autoestima, as relações, o modo como ela se vê no mundo”, diz Alana. É justamente essa identificação que transforma a personagem em catalisadora de debates dentro e fora das redes sociais.

Ser protagonista de uma novela das 21h não é apenas um marco de carreira, mas também um gesto coletivo. “Representa uma conquista que vai muito além da minha trajetória individual”, afirma a artista, que chega à sua quarta novela. “Tenho plena consciência de que ocupar esse espaço é resultado de muitas lutas que vieram antes de mim”, reconhece Alana, que atuou em *Verão 90* (2019), *Nos tempos do imperador* (2021) e *Guerreiros do Sol* (2024). Ela entende o peso simbólico do lugar que ocupa. “Ampliar o imaginário coletivo sobre quem pode ocupar o centro da narrativa é fundamental. Espero que outras meninas se vejam, se reconheçam e se sintam autorizadas a sonhar”, aposta.

Essa centralidade, no entanto, só faz sentido porque Joélly é complexa. Longe de estereótipos, ela falha, acerta, se contradiz. “A complexidade é fundamental para uma representatividade verdadeira”, diz a atriz. “Personagens estereotipadas reforçam visões simplistas sobre grupos que já são historicamente marginalizados. A Joélly foge disso porque ela é contraditória, forte, sensível e determinada. Ela não existe para cumprir uma função social única dentro da narrativa.”

A história da personagem dialoga diretamente com a vida de muitas adolescentes brasileiras, sobretudo aquelas que enfrentam responsabilidades cedo demais e quase sempre sozinhas. “A gravidez na adolescência, o bullying, a falta de escuta e as desigualdades sociais estão presentes no cotidiano de muitas jovens”, reflete Alana. “Mas a novela também fala



**Alana Cabral com Sophie Charlotte (Gerluce) e Dira Paes (Lígia): trio forma as Três Graças**

uma experiência marcada pelo afeto e pela construção de identidade entre meninas negras. “Esses trabalhos foram fundamentais para minha formação artística e humana”, diz. “Eles me deram ferramentas para lidar com temas sociais sem perder a emoção.”

Dentro da novela, algumas cenas ficam como cicatrizes emocionais. “As mais desafiadoras foram aquelas em que a Joélly precisa escolher entre o silêncio e o enfrentamento”, conta. “São momentos de amadurecimento abrupto, de decisões difíceis.” Ela destaca ainda as sequências mais densas ao lado das colegas Sophie Charlotte (Gerluce, a mãe) e Dira Paes (Lígia, a avó), que a atravessaram de maneira especial.

Com a repercussão da personagem, vieram debates intensos nas redes sociais — e Alana os observa com gratidão. “Ver o público debatendo e se reconhecendo na história da Joélly mostra que a novela está cumprindo um papel importante. A televisão tem essa força de provocar reflexão coletiva”, celebra.

Olhando para o futuro, a atriz acredita que o audiovisual brasileiro está em transformação, ainda que lenta. “Estamos avançando, mas há um caminho longo pela frente”, avalia Alana. “Espero que experiências como *Três Graças* abram espaço para mais narrativas diversas, complexas e profundas — e que essa representatividade não se limite a quem está diante das câmeras.”

Quanto a si mesma, Alana segue guiada pelo desejo de escolha e coerência. “Quero continuar interpretando personagens que me desafiem artisticamente e tenham relevância social”, afirma. O sonho é expandir horizontes, explorar cinema, séries, outros países — sem jamais romper o vínculo com as histórias que a formaram. Porque, como Joélly, Alana Cabral segue em frente: consciente do peso que carrega, mas fiel à delicadeza que insiste em permanecer.

sobre rede de apoio, educação e possibilidade de escolha. A Joélly representa meninas que seguem em frente mesmo quando o caminho é difícil.”

## Divisor de águas

Esse protagonismo marca um divisor de águas na trajetória da atriz. “Mudou completamente minha relação com o meu trabalho”, admite. “Passei a enxergar minha carreira com ainda mais consciência e responsabilidade. Entendi que minhas escolhas artísticas também são escolhas políticas e simbólicas.” O impacto não foi apenas profissional, mas pessoal: “Foi um processo de amadurecimento muito grande, de entender minhas forças e o impacto que meu trabalho pode ter na vida das pessoas”, pondera a jovem que, em 2022, também se destacou no quadro *Super Chefinho*, do *Mais você* — do qual saiu campeã.

Antes de *Três Graças*, Alana vinha fazendo escolhas alinhadas a esse olhar atento para o mundo, também no cinema. Em *Salve Rosa*, filme elogiado por discutir a exposição de crianças e adolescentes nas redes sociais, ela mergulhou em reflexões sobre julgamento e violência simbólica. Em *Quatro meninas*, exibido no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, viveu